

O GUARDIÃO PERPÉTUO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DE MEDICINA DA BAHIA, BRASIL

THE PERPETUAL GUARD OF THE COLLEGE OF MEDICINE'S ACADEMIC DIRECTORY, BAHIA, BRAZIL

Ronaldo Ribeiro Jacobina, Diego Espinheira Bomfim, Lua Sá Dultra

Faculdade de Medicina da Bahia – FMB – Universidade Federal da Bahia; Salvador, BA, Brasil

Este estudo é composto de uma nota histórica e dois depoimentos do Sr. Pedro Benedito de São José (Seo Bina): o primeiro, em 2006, numa entrevista filmada para dois acadêmicos; e o segundo, bem recente, em junho deste ano, 2009, em entrevista gravada a um professor que trabalha com pesquisa histórica. Seo Bina, barbeiro que atua na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) desde 1962, recebeu uma placa de guardião perpétuo do Diretório Acadêmico de Medicina pela sua dedicação aos alunos da FMB-UFBA, destacando-se, sobretudo, no período do regime militar (1964-1985), quando colocou sua segurança pessoal em risco na defesa dos alunos.

Palavras-chave: História da Faculdade de Medicina da Bahia, movimento estudantil, Diretório Acadêmico de Medicina.

This study is composed of a historical note and two depositions of Mr. Pedro Benedito de São José (Seo Bina): the first one, in 2006, was made by two academics, and the second, the well recent one, in 2009, was made by a professor who works with historical research. Seo Bina, barber who works at the College of Medicine of Bahia (FMB) / Federal University of Bahia since 1962, received a plate from the Academic Directory of Medicine as the perpetual guardian of this institution, due to his devotion to the pupils of the FMB, being distinguished, mainly, the period of military regime (1964-1985), when he placed his security at risk in defense of the students.

Key words: History of the College of Medicine of Bahia, social movement of the students, Academic Directory of Medicine.

Biografia breve de Pedro Benedito de São José (“Seo Bina”)

Pedro Benedito de São José se pronuncia, na linguagem do afeto, *Seo Bina*, apelido dado pelos amigos de bola, em sua infância no interior. Natural de Santo Amaro da Purificação, nasceu em 28 de junho de 1938. Quarto filho numa prole de vinte do casal Cristina Pereira de São José e Valdomiro de São José. O pai era trabalhador de usina de açúcar no município. Estudou o primeiro ano do ensino fundamental (primário) e, como o pai, foi trabalhar na Usina de Açúcar Aliança, de 1958 a 1959. Ainda em Santo Amaro, em 1956, aprendeu o ofício de barbeiro. Em 1959 veio “pra Bahia”, realizando vários trabalhos temporários na capital, como ajudante de pedreiro, garçom. Em 1962, recebeu o convite de seu conterrâneo, Lino Silva de Alcântara, para trabalhar com ele na Barbearia da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Eram duas cadeiras, mas o irmão de Lino, José do Patrocínio Alcântara, que tinha estudado no Colégio Central, foi trabalhar em uma agência bancária e a cadeira ficou vaga. A cadeira de barbeiro de Seo Bina ainda está preservada na Barbearia no Prédio da FAMEB-UFBA no Vale do Canela (**Figura 1**).

A Barbearia estava e ainda está vinculada ao Diretório Acadêmico de Medicina (DAMED). Naquela época, os barbeiros ganhavam pelo serviço realizado e no mês de férias acadêmicas, o “Diretório dava um dinheirozinho pra gente”. Os membros do DAMED chegaram a financiar os instrumentos

de trabalho deles. Essa ajuda aconteceu até 1968. Seo Bina, como barbeiro, ficava subordinado a um funcionário do corpo técnico-administrativo da Faculdade, Seo Levi Joaquim França. Com o golpe militar, a Faculdade, como muitas outras unidades da Universidade da Bahia, foi invadida várias vezes pelas forças repressivas⁽²⁾. Seo Bina, como Seo Levi e Lino, ajudaram a esconder os estudantes dos agentes repressores, colocando suas liberdades e, de certo modo, suas próprias vidas, em risco, nesses gestos de solidariedade para com o corpo acadêmico, que eles tanto admiravam. Outras vezes, ante a repressão, correram com os alunos pelas ladeiras do Pelourinho, descendo para a Cidade Baixa.

No início da década de 70, com a transferência do curso do Terreiro de Jesus para o Prédio no Vale do Canela, ele acompanhou o Diretório, tendo ficado no Pavilhão de madeira, chamado de Anexo 1, onde é atualmente o Ambulatório Magalhães Neto. Depois veio juntamente com o DAMED, em 1982, para o Prédio da FAMEB-UFBA-Vale do Canela. Sem um vínculo formal, Seo Bina passou a zelar pela área que o Diretório ocupava no prédio.

Havia várias unidades da UFBA que tinham esses serviços de barbeiros, como em Engenharia, Direito, Odontologia, Hospital das Clínicas etc., e, segundo Bina, com exceção dele, todos os outros foram absorvidos como funcionário nos quadros da UFBA (a maioria deles já faleceu). Embora não corrija esta injustiça, há uma portaria da Diretoria da FMB-UFBA, de n. 38, com data de 20 de outubro de 2003, que nomeia o Sr. Pedro Benedito de São José (Bina) “Barbeiro da FAMEB”.

Entre as lideranças estudantis destacadas por Seo Bina estão: Luiz Umberto Pinheiro, depois professor de Psiquiatria, deputado estadual e Secretário de Saúde do Estado; Edílson

Recebido em 01/12/2009

Aceito em 12/03/2010

Endereço para correspondência: Prof. Ronaldo R. Jacobina, Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho (Deptº Medicina Preventiva e Social, FMB-UFBA), Largo do Terreiro de Jesus, 40025-010 Salvador, Bahia, Brasil. C-elo: jacobina@ufba.br.

Bittencourt, Presidente do DAMED em 1964, depois professor de Pediatria e diretor do HUPES, injustamente retirado do cargo pela atual administração da Reitoria, numa perseguição inominável; Sinval Malta Galvão, Paulo *Cherokee* e Valdenor Cordeiro, depois Prefeito de Juçari (Bahia), lideranças importantes na greve de 1975, contra a privatização do HUPES, e outros nomes, como Paulo Pena (atual Professor de Medicina Preventiva e Social), que participaram do movimento de 1978, responsável pela conquista do Hospital Pediátrico; das gerações mais novas, Sílvio Medina e Dalton Bastos, e, entre os mais recentes, destacaram-se Luamorena Leoni, José Santana, Lua Dultra e Diego Bomfim. Os dois primeiros, Medina e Dalton, foram protagonistas na luta contra a Fundação Baiana de Cardiologia (FBC), entidade privada que praticou no hospital universitário a discriminação de pacientes (com procedimentos desfavoráveis aos usuários do sistema público de saúde em relação aos “clientes” do sistema privado de assistência supletiva) e fomentou processos de privatização no espaço público. O papel central do movimento estudantil nessa luta foi registrado pela memorialista Eliane Azevedo⁽¹⁾. A memória viva de Seo Bina é outra fonte preciosa para a história da nossa faculdade.

Os estudantes já tinham feito em 1980, por gratidão, uma placa em homenagem a Seo Levi França, com os seguintes dizeres: “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Levi. Companheiro e Defensor da Luta estudantil. DAMED.*” Mas, já no novo milênio, em 26 de junho de 2001, outra placa foi fixada na parede externa da sede do DAMED no Prédio da FAMEB-UFBA-Canela. “*Nosso reconhecimento a ‘Seo’ Bina, guardião Perpétuo do DAMED. Gestão Construção Coletiva*”.

A seguir temos dois depoimentos de Seo Bina aos autores deste estudo: uma entrevista filmada pelos acadêmicos Diego Bomfim e Lua Dultra, em 2006; e o segundo depoimento, mais recente, em entrevista gravada ao professor Ronaldo Jacobina. Com a leitura dos dois depoimentos, os leitores terão uma idéia da simplicidade, mas, ao mesmo tempo, da riqueza humana desta personagem. E através dele, conhecerão um momento marcante da história do movimento estudantil na Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA.

ENTREVISTA 1

Entrevista com ‘Seo Bina’ (Pedro Benedito de São José), na ‘Barbearia da FAMEB’, que fica no Espaço Cultural Acadêmico Sérgio Cardozo, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) - UFBA. Em 05 de junho de 2009.

Ronaldo Ribeiro Jacobina (RRJ): ‘Seo’ Bina, começemos esta entrevista com seu nome.

Bina: Meu nome é Pedro Benedito de São José. Eu nasci em Santo Amaro da Purificação, no dia vinte e oito de seis de mil novecentos e trinta e oito (28/06/1938).

RRJ: Quem são seus pais?

Figura 1. Sr. Pedro Benedito de São José (2009).



Bina: Meu pai, Valdomiro de São José, que trabalhava na Usina de Açúcar. Minha mãe, Cristina Pereira de São José, que cuidava da casa.

RRJ: Quantos irmãos?

Bina: Tudo foi vinte. Eu era o quarto, mas agora sou o mais velho dos vivos.

RRJ: Bina, como foi sua trajetória de vida para chegar à FAMEB?

Bina: Estudei em Santo Amaro até o 1º ano. Fui para Usina de Açúcar Aliança, de 1958 a 59, e vim pra Bahia ainda em 59. Estive andando por aí, atrás de emprego. Trabalhei como ajudante de pedreiro, como *garçom*. Me chamavam assim, pra eu trabalhar como garçom e eu ia. Eu não ficava parado. Lá pelos idos de 62, tinha um camarada, ele trabalhava numa barbearia lá no Terreiro. Ele era barbeiro, meu colega de profissão. O nome dele era Lino Silva de Alcântara, mas já morreu. Nós aprendemos juntos, lá em Santo Amaro.

RRJ: Então você trabalhou como barbeiro, ainda em Santo Amaro?

Bina: Sim, trabalhei. Depois que aprendi o ofício, trabalhei uns dois meses e vim pra Salvador. Aí esse meu colega me disse: “tem uma vaga na Faculdade de Medicina”.

RRJ: Tinha vaga pra barbeiro?

Bina: Sim, tinha vaga, porque na Barbearia dentro da Faculdade tinha duas cadeiras. Ele já estava trabalhando e eu fiquei com a outra cadeira. Aqui, esta cadeira. É claro que sou eu que conserto e reformo ela, mas é esta aqui.

RRJ: Vocês ganhavam salário pela Faculdade?

Bina: Não, era o Diretório que mandava em tudo. No mês de férias, o Diretório dava um dinheirozinho para gente.

RRJ: Além do Lino você conheceu os barbeiros anteriores, pelo menos aquele que deixou a vaga.

Bina: Sim, conheci alguns, um era o irmão de Lino, José do Patrocínio Alcântara. Ele estudou, estudou no [Colégio público do] Central e foi trabalhar em banco. Sempre ele vem aqui, tá com toda a cabeça branca.

RRJ: Agora vamos falar de você já trabalhando como barbeiro na Faculdade, a partir de 62. O que você lembra?

Bina: Quem comandava era Seo Levi. Ele era o funcionário que tomava conta dos estudantes. Ele era 'instrutor de alunos'. Ele tomava conta do Diretório.

RRJ: Sabe o nome dele todo?

Bina: Não, só conheci como Levi.

RRJ: Você tinha um bom relacionamento com Levi. Seu Levi era o funcionário que atuava junto aos estudantes e era o DA de Medicina que tinha o direito sobre a barbearia. Vocês pagavam a eles, ao DA?

Bina: Não, eles é que ajudavam a gente, davam até ferramentas. Até 1968, eles davam tudo. Hoje, eu que compro tudo.

RRJ: Existe a informação que você ajudou os estudantes. Logo depois de 1962, veio a ditadura. Me conta esta história?

Bina: Quando veio a ditadura, a Polícia invadiu lá.

RRJ: O exército invadiu o Terreiro.

Bina: Sim, foi no tempo da 'Revolução'. Muito correram. Eu disse: "entra aqui", e muitos entraram na barbearia. Eu fechei a porta, apaguei a luz e eles passaram direto. Eu disse baixinho: "cala a boca, ninguém fala". Eu e o outro barbeiro, o Lino. Ele também era muito amigo dos estudantes.

RRJ: Quantos estudantes ficaram escondidos na barbearia?

Bina: Tinha mais de dez. Sempre que invadia, a gente escondia ou corria. Eu desci muito ali pelo Pelourinho, ali no Terreiro tem um caminho que vai dar no Comércio, perto do Plano [Inclinado Gonçalves]. Descia eu, os estudantes, todo mundo correndo (risos). Naquele tempo, Ave Maria, ninguém podia ficar depois de dez horas da noite, não. Eu trabalhava até as 6 horas.

RRJ: E dos estudantes, você se lembra de alguns?

Bina: O estudante que eu me lembro até hoje, ele era sexto ano, quando eu cheguei em 62, era Natalino [Antônio Natalino Dantas, depois professor de cirurgia, coordenador do Colegiado de graduação envolvido na polêmica do ENADE de 2007, pelas suas declarações na mídia em maio de 2008]. Até hoje corto o cabelo dele.

RRJ: É um depoimento importante. Não podemos ter apenas uma imagem dele, ele precisa ser visto em diferentes ângulos. Você conhece uma imagem simpática do Professor.

Bina: Ele sempre me tratou bem. Desde estudante batia papo com a gente e até hoje ele vem cortar o cabelo, conversa comigo. Me disse: 'Bina, estão dizendo que eu sou racista, mas eu não sou e você sabe disso'.

RRJ: Fale um pouco mais daqueles tempos da ditadura.

Bina: Ah, Levi é quem dava testa. Ele dizia pra os policiais: "não adianta vocês invadirem aqui. Um dia os estudantes pegam vocês e quebra mesmo. Vocês têm que tratar os estudantes bem. Quando vocês chegarem lá quebrados no Pronto Socorro, quem vai atender vocês, serão eles." (risos)

RRJ: Ele era corajoso.

Bina: Ele era. Naquele tempo tinha muito espião na escola. E Levi dizia: "se a gente souber quem é espião, os estudantes vão quebrar no pau..." Tinha até uma marreta escondida e tudo (risos).

RRJ: Não foi à toa que os estudantes prestaram uma homenagem com uma placa. Eu li antes da entrevista as placas ali. Outra é pra você. Depois falaremos dela. Você se lembra de outros estudantes que lhe chamaram a atenção no período?

Bina: Luiz Umberto. Depois, ele também foi professor. Acho que ele se aposentou. [Luiz Umberto Pinheiro, liderança estudantil, depois foi Professor de Psiquiatria, Deputado Estadual em mais de um mandato e Secretário de Saúde do Estado. Atualmente professor aposentado]

RRJ: Caso você se lembre de outros fatos ou pessoas desse período do Terreiro, conte. Nós vamos agora conversar sobre a mudança da Faculdade do Terreiro pra cá, pro Vale do Canela.

Bina: A mudança foi em 1971. O reitor era o Prof. Roberto Santos e o diretor era Tourinho Dantas [Prof. Renato Tourinho Dantas foi da gestão de 1973-77; o diretor de 1968-72 foi Prof. Rodrigo Bulcão D'Argolo Ferrão]. Cortei muito o cabelo dele. Esse pavilhão não estava ainda concluído, então uma parte ficou no pavilhão que hoje é o CHR (Centro de Hidratação e Reidratação, antigo Centro Tisiológico, atual Centro Pediátrico Prof. Hosannah de Oliveira). O restante ficou ali, onde é hoje o Magalhães Neto [Ambulatório], num barracão todo de tábuas. Foi lá que eu fiquei, junto com o Diretório. Pelo que me disseram, antes a Petrobrás usou uma área pra fazer pesquisa que a Universidade cedeu emprestado e a Petrobrás montou um barracão bonito todo de madeira. Quando terminou a pesquisa, entregou de volta a Universidade.

RRJ: Você ficou lá até quando?

Bina: Fiquei de 71... em 82 vim pra aqui, pois já tava caindo, não tinha manutenção.

RRJ: Então em 1982, a barbearia veio pra cá, para este Prédio da FAMEB.

Bina: Lembrei de seu Godovil [ou Clodovil]. Os estudantes gostavam de jogar sinuca, dominó. Quando dava 4 horas, eles vinham do hospital e queriam se distrair e iam lá para o

barracão, onde é hoje o Magalhães Neto, onde estava o Diretório. Diz Levi que ele veio pra espiar os estudantes. Ele mandou um funcionário aqui de medicina pra apagar a luz quando desse 6 horas e não deixar ninguém mais lá. Quando o funcionário, seu Nivaldo, apagou a luz, os estudantes quebraram ele na porrada e ficou por isso mesmo. Levi então disse: “Deu sua hora, então vá embora. Deixe que os estudantes tomam conta, apagam a luz e fecham tudo”. Aí, Levi disse: “De hoje em diante quem vai tomar conta do Diretório é você, Bina”.

RRJ: Essa conversa de Levi com você foi quando?

Bina: Foi de 79 pra 80. Aí eu fiquei tomando conta. Nunca recebi nada. Tinha dia que eu saía 11 horas da noite. Tinha vez que um deles me levava pra casa de carro ou pagava meu transporte.

RRJ: Quais são os professores que cortam o cabelo aqui com você?

Bina: Primeiro, o Dr. Rodolfo Teixeira. Corta até hoje. O Prof. José Maria de Magalhães Neto, irmão de Antonio Carlos Magalhães.

RRJ: Este eu sei, Mesmo quando o Prof. Zezito esteve afastado, no cargo de Secretário Estadual de Saúde, eu o encontrei aqui, pelos corredores, e ele me disse que tinha vindo cortar cabelo com você.

Bina: Um professor da Cirurgia, ele era gordão. Não estou recordando o nome agora. Cortei também de Dr. Luiz Umberto. Quando estudante, mas também como professor. Teve aquele professor do IBIT.

RRJ: O prof. José Silveira.

Bina: Sim. Até mesmo um pouco antes dele morrer, o motorista dele veio aqui e eu fui lá na casa dele, e cortei o cabelo.

RRJ: Foi bom lembrar. São muitos anos de história.

Bina: 47 anos. Eu cortei o cabelo do Reitor, quando era estudante e depois como professor.

RRJ: Prof. Naomar de Almeida Filho. Ele trabalhava com Prof. Luiz Umberto Pinheiro, que tinha uma sala lá no barracão. Bem, agora chegou a hora de falarmos dessa placa que você tem ali na parede externa do DAMED. Ela é de que ano?

Bina: Ela é de 2002.

RRJ: Por que botaram a placa ali?

Bina: Eu me dou bem com os estudantes do primeiro ao sexto ano. A turma do Diretório sempre foi do meu lado. Essa placa foi do tempo de Silvio Medina, de Daltro.

RRJ: Teve algum motivo especial ou foi pela história?

Bina: Foi pela história. Todo mundo que entra no Diretório, os mais velhos informam aos novos. Esse aqui tem de ser bem tratado, ele vem desde lá do Terreiro.

RRJ: Estamos próximo do encerramento da entrevista. Você quer falar de algum assunto que ainda não comentamos?

Bina: Ah, tem um. Todos os barbeiros da Universidade, de Direito, de Odontologia, do Hospital das Clínicas, todos eles foram empregados como funcionário. Todo mundo, menos eu.

RRJ: Puxa, se outros barbeiros foram absorvidos no quadro de funcionários da UFBA, então, deve ter faltado empenho aqui. E você está aposentado?

Bina: Estou. O presidente Lula botou a lei dos 65 anos, eu fui lá e consegui. Nasci em 1938, vou fazer agora 71 anos. Se eu fosse funcionário, eu já estava na rua, com a compulsória.

RRJ: É. Mas você é um funcionário muito especial. Lembrou de mais alguma coisa? Da greve de 78?

Bina: Foi uma greve forte. E a Faculdade já tinha saído do prédio que hoje é o Hospital Pediátrico. Aqui [Pavilhão da FAMEB do Vale do Canela] foi inaugurado em 1976.

RRJ: De 76 a 78, o prédio da Clínica Tisiológica ficou abandonado. Uma das reivindicações dessa longa greve foi a recuperação daquele prédio. Foi assim que nasceu o Centro Pediátrico Prof. Hosanah de Oliveira.

Bina: Lembrei também de *Half*. Conheceu *Half*?

RRJ: Não. Fale-me dele.

Bina: Ele trabalhava com Prof. Rafael de Menezes. Era homem da confiança do professor Rafael. O Professor morreu em 1982.

RRJ: Você pode descrever ele, o *Half Beque*.

Bina: Ele era um negão alto. Elegante e amigo dos estudantes. Ele usava um guarda-pó bem comprido. Ele ajudava muito os estudantes, quando os estudantes perguntavam alguma coisa a ele, ele ensinava. Ele sabia muitas coisas. Os estudantes davam presente a ele. Jogavam bola juntos, lá em Ondina. Outro funcionário que todo mundo gosta é o Aloizio, é de anatomia.

RRJ: Ele veio do Terreiro de Jesus.

Bina: Sim, mas logo depois foi pro ICS. Lembrei do Professor com uma cabeleira bonita, o nome dele é Professor Alcilídio [Alcilídio Barreto de Carvalho, do Departamento de Cirurgia]. Cortei também o cabelo do Prof. Argolo, Rodrigo Argolo, que foi diretor do Hospital das Clínicas. Cortei cabelo do Prof. Zilton Andrade. Ele ficava também lá no barracão [O Serviço de Patologia funcionava no chamado ‘Anexo 2’, a construção de madeira feita e cedida pela Petrobrás]. Tinha a filha dele.

RRJ: Virgínia [Profa. Virgínia Gumes Andrade, professora já falecida do Departamento de Anatomia Patológica].

Bina: O namorado dela. Era muito meu amigo.

RRJ: Sinval [Dr. Sinval Malta Galvão]. Uma importante liderança estudantil.

Bina: Paulo *Cherokee*.

RRJ: Você tem uma memória maravilhosa, Bina. Alguma coisa mais para narrar? Você vai cortar o cabelo do estudante? Se você lembrar a gente retorna.

Bina (abriu a porta da barbearia, olhou lá fora e retornou): Ele não está aí fora, depois ele aparece. Lembrei de uma história: Uma funcionária falou para o diretor, Prof. Tavares, que eu só cortava cabelo aqui de ladrão. E o Professor sempre vinha aqui espiar. Teve um dia que Josias... conhece Josias?

RRJ: Conheço. É seu fã também.

Bina: Ele viu eu cortando o cabelo do Dr. Rodolfo Teixeira. Aí ele subiu e disse aos colegas: “você não falou que Bina só corta cabelo de ladrões? Vamos lá na barbearia, pra vocês ver de quem ele corta o cabelo”. O prof. Tavares ficou preocupado com aquelas coisas que diziam. Mas, naquele ano [2003], que teve a entrega de diploma, quer dizer, o presidente do diretório saiu e entregou ao novo [uma posse de diretoria do DAMED], lá no Terreiro, eu fui e o reitor, Naomar, me abraçou e elogiou na frente de todo mundo. Disse: “Bina, no tempo da revolução, ele escondeu muita gente, livrou de mulheres ser presas, ajudou muito os estudantes e os estudantes todos gostam dele.”

RRJ: Sobre a barbearia aqui tem uma séria discussão. Há um projeto para o espaço cultural, que inclui um restaurante. E comida não combina com cabelo. A idéia inicial era mesmo retirar a Barbearia, mas os estudantes foram firmes. Então o Prof. Tavares ouviu a posição dos alunos. Ouviu a nossa, de professores que ele consultou. Se o projeto for executado, não precisa remanejar a Barbearia. Fecha esta porta e abre outra, na parede externa, dando inclusive autonomia para seu trabalho.

Bina: Teve um professor que me disse que Prof. Tavares estava com medo de eu botar ele na justiça. Ora, se eu tivesse que botar, eu botava era a universidade, não era ele.

RRJ: Exatamente. A meu juízo, Tavares é, como administrador, muito criterioso. Veja que disso resultou neste documento que você me deu, que vou tirar cópia. É uma portaria, n. 38, de 20 de outubro de 2003, que determina entre outras coisas, que nos fins de semana e feriados, “a porta do fundo da área de convivência deve ficar sob a responsabilidade do Sr. Pedro Benedito de São José (Bina), Barbeiro da FAMEB”. Está aqui, escrito, você é ‘Barbeiro da FAMEB’, como era chamada, na época, a Faculdade de Medicina da Bahia.

(...)

RRJ: Vamos retomar a entrevista. Neste intervalo, você lembrou de mais um assunto interessante: Uma farmácia que o DAMED tinha lá no Terreiro. Conta pra gente.

Bina: A Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, era grande demais. Tinha no Diretório um lugar, um quatinho, que era a farmácia. Ela era gratuita.

RRJ: Quem cuidava dela?

Bina: Levi. Muitos funcionários quando precisava recebia os remédios.

RRJ: E as pessoas do Pelourinho?

Bina: Também. Quando falavam com os estudantes, eles mandavam procurar “Dr. Levi”.

RRJ: “Dr. Levi” (risos). E ele dava os remédios. Por fim, explique esse apelido: Bina.

Bina: É do futebol. Quando eu jogava bola, lá em Santo Amaro, eles me chamaram de Bina. Meu nome é Pedro Benedito. Botaram o nome e ficou.

RRJ: Muito obrigado pela entrevista, Bina.

Bina: Estou às ordens.

ENTREVISTA 2

Entrevista de Seo Bina (B) aos acadêmicos Lua Dultra (L) e Diego Espinheira Bomfim (D), com participação de Diulice da Conceição Vitória (Diu - Estudante de Turismo - FACTUR e Secretária do DAMED) - 2006

D - Como é seu nome completo?

B - Meu nome todo é Pedro Benedito de São José, apelidado por Bina.

D - Tem quanto tempo que o senhor trabalha na Faculdade de Medicina?

B - Entrei em 62.

L - E quem lhe deu esse apelido Bina?

B - É esse negócio de bola, jogando bola...

D - E como foi que o senhor entrou na faculdade?

B - Tinha uma saída de um barbeiro, é que tinha dois. Um saiu, que ele estudava, fez concurso do banco e passou.

L - Era lá mesmo no Terreiro? Tinha uma salinha ali?

B - É, a sala era maior que essa daqui.

D - Onde era?

B - Descendo a escada ali, depois que vai pro pavilhão. Aquela escadazinha que fica lá pra biblioteca, lá embaixo.

L - O senhor conhecia o outro barbeiro?

B - Demais! Conhecia uns três barbeiros de lá.

D - Como é que chamaram o senhor? Porque saiu um, o senhor entrou, mas foi por que o senhor conhecia o pessoal. Como foi?

B - É porque ele veio de lá do interior, trabalhava lá de barbeiro. Aí surgiu uma vaga lá e ele me chamou.

D - O senhor o conhecia?

- B – Ele disse: “eu não vou chamar ninguém não, a gente já trabalhou junto, é você que vai pra lá.”
- D – Como era o nome dele?
- B – Lino Silva de Alcântara, mas é falecido.
- D – Quem é ele, é Seo Levi?
- B – Não, Levi conheceu muito ele.
- D – Certo... E Seo Levi, como é que aparece na história?
- B – Levi era funcionário da UFBA, ele que tomava conta ali do Diretório todo (risos).
- L – O senhor tem quantos anos, Seo Bina?
- B – Minha idade? Eu sou de 38, fiz 68.
- L – Qual é o dia do seu aniversário?
- B – 28 do seis, véspera de São Pedro.
- L – Então o senhor tem quantos anos hoje?
- B – 68, tô caminhando pra 69.
- L – Com fé em Deus! E o senhor quando chegou na faculdade já sabia cortar cabelo?
- B – Já sim.
- L – Não fez nenhuma “barbearagem” não, né?
- B – Não fiz não (risos)! Não fiz não, tanto que o camarada me chamou, porque a gente já trabalhou junto. Ele disse: “eu quero você, eu não vou convidar outra pessoa, porque nós já trabalhamos juntos e você é o melhor”.
- L – (risos) Quando vocês vieram pra cá?
- B – Em 71. 71 nós ficamos ali, eu mesmo fiquei, no Magalhães Neto... Eu, Seo Levi, o Diretório Acadêmico, porque aqui tava em obra ainda. Inaugurou aqui em 76.
- D – Por que vocês vieram de lá pra cá, Seo Bina? Por que a faculdade foi transferida, o senhor sabe?
- B – Política, ne? (risos)
- D – O que é que tava acontecendo na época?
- B – O reitor era Roberto Santos. Eu sei que a ordem era pra todo mundo vir pra aqui. A Faculdade de Medicina ficou nesse prédio aqui em cima, no CHR. Era a Faculdade de Medicina mesmo. Agora, o Diretório Acadêmico e etc., ficou lá no Magalhães Neto, que era tudo de “tauba”.
- D – Seo Bina, o senhor falou que tinham outras pessoas que já trabalhavam lá antes do senhor, né? Sempre teve barbeiro na Faculdade?
- B – Tinha, tinha sim.
- D – Nenhum deles era funcionário mesmo?
- B – Não, era todo mundo...
- D – Mas todo mundo era funcionário da Faculdade?
- B – Não, eu to falando de outra “repartição”. Tinha barbeiro em Odontologia; Direito também; na Faculdade de Medicina... ôh (reiterando), no Hospital das Clínicas também tinha... Todos esses lugares tinha barbeiro, e era tudo funcionário.
- D – Eram todos funcionários da Universidade?
- B – Era... Engenharia tinha...
- L – Mas hoje não tem mais?
- B- (risos) A maioria já tudo morreu!
- D – Só sobrou o senhor...
- B – É, eu não sou funcionário, porque os Diretores daqui nunca nem ligaram pra mim. Eu também nunca puxei o saco deles! (risos)
- L – E o senhor não tem nenhum discípulo, não? Quem é que vai continuar seu trabalho?
- B – Por enquanto, menina, até agora não tem ninguém não, né? Vou ver se eu arrumo um aí!
- L – O senhor tem filho, Seo Bina?
- B – Tenho...
- L – Tem quantos filhos?
- B – Um casal.
- L - Têm quantos anos? Fale deles!
- B – Ele nasceu em 72, ta caminhando pra 35.
- D – E a menina?
- B – A menina tem 34.
- D – Os dois com a mesma mulher?
- B – É, é.
- L – O senhor é casado?
- B – Não, vou casar ainda! (muitos risos)
- L – (muitos risos) Vai se casar ainda, é?
- D – Mas tá com a mesma pessoa?
- B – Tô, tô...
- L – Vou esperar o convite, viu?
- D – E tem quanto tempo que vocês estão juntos?
- B – Ah, desde mil novecentos e sesseeeeeenta... sessenta e nove!
- D – Como é que foi isso?
- B – Ah, foi muito bem! (risos)
- L – Tá tremendo tudo (a câmera).
- D – Certo... Aí ele, o rapaz que te chamou pra trabalhar, ele era funcionário também?

B – Num era não. Em Medicina nunca entrou ninguém.

D – Ah, não tinha nenhum funcionário... Todo mundo cortava, mas não era ligado à faculdade?

B – Num era não. No tempo que... Até 1968, o Diretório Acadêmico ainda dava a gente as nossas ferramentas. No período de férias ajudava a gente, porque não tinha ninguém aqui, todo mundo viajava pro interior... 68, 69 em diante, ninguém mais!

D – Ninguém mais quis saber de vocês!

B – É, não... (risos)

D – É, Seo Bina, tem que resgatar isso aí. (risos). Como é que foi lá na faculdade? Eu soube que tem muitas histórias que vocês ajudaram os estudantes na época da Ditadura... Conta aí um pouquinho disso, como é que foi...

B – Na hora que os gorilas aparecia, a turma não tava esperando, pegava a turma de surpresa, a turma caminhava pra se animar pra cima deles, dava duro mesmo. Esse menino, como era o nome do presidente?

D – Fala aí o nome deles.

B – O nome, né? O nome eu não...

L – Mas reconhece ainda?

B – Reconheço todo mundo! Quem eu ver eu conheço: “Ô, rapaz!” Cabide mesmo foi de lá!

D – Cabide? Quem é Cabide?

B – Que foi Diretor do Hospital das Clínicas.

D – Edison?

B – “Dilsin”.

D – Ele foi presidente do Diretório?

B – Foi sim.

D – Na época da Ditadura?

B – Não, na época não, já tinha passado da Ditadura. Tem Peninha!

D – Paulo Pena?

B – Um altão!

D – Paulo Pena era liderança estudantil da época da Ditadura?

B – Foi.

L – Os estudantes se escondiam muito na salinha do senhor?

B – Escondia, sim!

L – Como era que acontecia?

B – Na hora que a turma vinha doida, eu digo: “Bora, entra todo mundo aqui! Vamo fechar a porta e apagar a luz!” (risos). Agora que a gente vai dar o trote neles.”

D – Como é que foi o episódio que a polícia cercou o Terreiro? Não teve uma época que aconteceu isso?

B – Teve, agora a turma de Medicina, os grupos que se ajudaram tudo, não se entregavam não... Tinha gente até que comprava penca de cacho de banana pra ficar dizendo assim pros policial: “tome banana, macaco!” (risos)

L – E eles apanharam alguma vez? O senhor lembra?

B – (sério) Eles batiam também, mas também apanhou também. Eu conheço um estudante que matou, no tempo de Juracy, que botaram cachorro em cima do estudante, mas o estudante era bem preparado, o estudante matou o cachorro. Aí ele não pôde mais ficar aqui em Salvador. Se não, o resto pegava ele. Ele foi estudar em outro Estado.

D – Como é que foi que a Polícia chegou lá? O senhor tava fazendo o quê? Ouviu o barulho? Como é que aconteceu?

B – Qualquer animação que eles ouviam dizer que ia ter, o movimento dos estudantes, eles tavam presentes.

L – E o Diretor da Faculdade, fazia o quê?

B – O Diretor dessa época, deixa eu ver.... (pensando) O que é que ele fazia? Que é que ele fazia?

L – Ele defendia os estudantes ou não?

B – Ele mandava a turma ficar calma e tal, pra não dar testa. Muita gente dizia que era pra não dar testa, que era pior. “Vocês não tão armados, e eles tão armados lá... Fique na sua, é melhor ninguém sair, ficar todo mundo dentro da escola...” A turma não ouvia nada disso! (risos)

D – Eles chegaram a entrar alguma vez na faculdade, a polícia?

B – Entrou sim. Entrou! Teve uma vez a turma tava lá do Diretório, deixou um bocado de, como é o nome?

D – Papel, documento?

B – Não, sanduíche. Os meninos deixaram merenda lá dentro, eles entraram e comeram tudo! Se tivesse veneno, morria todo mundo! (risos)

D – Levaram alguém preso, o senhor chegou a ver?

B – Eles levavam, mas só queriam levar preso o presidente.

D – Mas conseguiram prender alguém?

B – Conseguiram.

D – O senhor viu, como foi?

B – Tinha um menino que se chamava Dantas, que foi presidente do Diretório, hoje em dia ele é deputado. Prenderam ele e foi direto pra detenção. A detenção era lá no caminho do Carmo. Ficou lá uns dias, mas depois soltaram.

D – O senhor falou que prenderam alguém, mas o senhor sabe de alguém que sumiu, que a Ditadura levou, que morreu, alguma coisa assim? Porque soube que tiveram dois estudantes...

B – Disse que teve, que sumiu.

D – Mas o senhor não conhecia, não?

B – Conhecia, agora eu nunca mais vi! Os meninos até andaram no Diretório. Disseram que foi estudar em outro Estado, nunca mais vi.

D – E os professores, o senhor sabe que tinham professores que eram ligados a Ditadura? O senhor chegou a saber alguma coisa sobre isso?

B – Alguns professores que eram ligados? Tinha muito!

D – Como era isso?

B – Ficava encubado, ninguém sabia não.

D – E aí foi denunciado, mas ninguém sabia...

L – Tem muita gente ainda que vem cortar o cabelo com o senhor, Seo Bina?

B – A maioria já morreu, mas muita gente ainda vem. Os professores, a maioria já tudo morreu, mas hoje em dia tem professor que ainda vem aqui: Rodolfo Teixeira... É aposentado já.

L – Como é o dia do senhor, o senhor lembra que horas?

B – Eu acordo cedo, 5h da manhã eu já tô acordado.

L – Mora ainda com os filhos?

B – Somente com um só. E com uns netozinhos. São quatro.

L – Como é o nome deles?

B – Um chama Benício, uma chama Priscila, a outra chama Esmeralda... tá faltando um, né?

L – Tá faltando um! (risos)

B – Benício, Priscila, Esmeralda e.... Eliene!

L – Certo... Bora cortar meu cabelo? Bem pouquinho, né?

B – Vamos! Um pouquinho de nada?

D – E essa é Diulice! (filmando)

L – Diu quer perguntar alguma coisa também.

Diu – Aquela história que o senhor contou pra mim, no dia da posse do DAMED, que teve uma vez que teve uma invasão lá no D.A. e aí o pessoal desceu aquela ribanceira...

B – Ah, pra sair lá embaixo no “criulinhos”... (trecho confuso) Desce pra cá e vai sair no Comércio.

D – A polícia nunca foi atrás de vocês, Seo Bina?

B – Já, mas a gente não dava vez a eles não! O dia que eles castigou a gente aqui foi um dia que Antônio Carlos Magalhães mandou jogar bomba aí, de gás. Naquele dia, todo mundo chorou aqui. [16 de maio de 2001]

D – Caiu bomba aqui dentro?

B – Oxen, ele não jogou só aqui, jogou no ICS, lá em Educação, em Administração e em Direito. Todo mundo chorou aqui, até o Diretor!

D – O Diretor era Prof. Barral?

B – Barral, era!

L – E quando o senhor veio pra cá, essa salinha já tava esperando pelo senhor? Como foi?

B – Quando a gente veio, quando eu vim de lá do Magalhães Neto, essa sala já tava aqui. Os estudantes falaram pra eu vir. Aqui era o almoxarifadozinho, aí eu fiquei por aqui mesmo. Foi em 82, que nós viemos no Magalhães Neto.

L – Ficou quanto tempo lá no Magalhães Neto?

B – De 71 pra 82...

L – 11 anos.

B – É... (Se preparando pra cortar o cabelo)

L – Ó, deixa eu lhe dizer o que é que eu quero, Seo Bina! Eu quero que tire só essas pontinhas aqui, olha... Dois dedinhos!

B – Tá certo! Só pra tirar essa ponta, né?

L – Não tira muito não, que eu tô criando cabelo!

B – Cabelo tá bonito...

D – É o quê, Seo Bina?

B – Cabelo tá bonito, benza-te Deus!

Esta entrevista, que está filmada, continuou tendo como tema o corte de cabelo de Lua Dultra, o gosto musical de Seo Bina, seu interesse pelo jogo de dama, sua promessa de casar com D. Iraci, a mulher de toda a sua vida, sua morada em Mata Escura, seu amor aos netos.

Enfim, a vida de um homem simples, simples sim, mas nunca simplório. Com seu trabalho, ganhou respeito de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos. Já sua *coragem*, colocada a serviço dos estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia, que serve sem vínculos formais (mas reais e profundos) há 47 anos (1962-2009), e sua *dedicação* a esta instituição pública fizeram dele o *Guardião Perpétuo* do Diretório Acadêmico de Medicina. Eis mais um protagonista nesses 200 anos da escola *mater* da Medicina brasileira.

Considerações finais

O que mais surpreende nas entrevistas com “Seo Bina” é a naturalidade, a trivialidade com as quais ele narra os diversos episódios em que protegeu os estudantes de medicina e o DAMED de investidas da Ditadura Militar. Fantasiávamos que nestas entrevistas encontraríamos declarações profundamente enraizadas num ideário de esquerda. Mais uma vez, fomos surpreendidos pela clareza física, corpórea, sensitiva, da luta de classes. “Seo Bina” não demonstrou qualquer arroubo romântico ou egocêntrico nos seus atos, parece nem contabilizar os riscos que correu com suas ações.

Ele as narra com a naturalidade de quem fez o que julgou correto, de quem ajudou aqueles que ama. Omite-nos a tão esperada consciência de classe, mas nos brinda com um intenso sentimento de classe.

É claro que Bina sabia os riscos que corria. Não se trata de desmerecer suas atitudes, colocando-as no plano da ingenuidade. Ao contrário, pretendemos glorificar a escolha que, sabendo dos riscos (prisão, tortura, “desaparecimento”), os aceita tão profundamente a ponto de torná-los insignificantes, *stricto sensu*, sem significado. Isso só é possível para aqueles que não se vêem como heróis, que apenas fazem “o que qualquer um teria feito”, o justo, louvável, honrável. Esses são os verdadeiros heróis.

Bina escondia os estudantes na barbearia, corria da polícia com eles pelas ladeiras do Plourinho, protegia doce e dedicadamente os perseguidos da vez. É impossível pagar a este homem. Placas, homenagens, artigos, dinheiro, não há como. Mas quem é “Seo Bina”? Quem é hoje essa figura calma que arrasta os chinelos pela Faculdade de Medicina da Bahia, sorrindo e cumprimentado a todos?

Este ano, “Seo Bina” ensaiou um desmaio enquanto cortava cabelo na barbearia da FAMEB. Prontamente socorrido por alguns estudantes e um professor, descobrimos em seus pés crônico problema, o qual por certo de há muito comprometia sua vida laboral, social e familiar. Nunca fomos abordados por nosso barbeiro para consultas de corredor, pedidos de amostra grátis ou apenas para ajudá-lo a caminhar. Tampouco fomos capazes de perceber, com nossos olhos tão “propedeuticamente” treinados, o problema de saúde sob a calça.

Quem é “Seo Bina”?

“Seo Bina” é povo, o povo brasileiro dentro da universidade. Não pelos formatos já consolidados e que tanto defendemos, é verdade. Mas ali, no Espaço Cultural Acadêmico Sergio Cardozo (espaço cultural do DAMED), corre graças a Bina, uma rede de sociabilidade, de solidariedade. É o jogo de damas com o “irmão”, lá do serviço social do CPPHO (Centro Pediátrico Prof. Hosannah de Oliveira), ou com o motorista do reitor. É o corte de cabelo de muitos estudantes e alguns professores renomados. Bina é o guardião das roupas que os “djous”(guardadores/lavadores)¹ do estacionamento vão usar ao fim do expediente, após o banho no banheiro do Diretório Acadêmico, é o carinho dos porteiros Antônio Damasceno e Ademar. Ali, em um outro mundo da FAMEB-UFBA, corre uma sociabilidade, uma inclusão precária,

desassistida e muitas vezes discriminada, mas real. Esse cidadão brasileiro, negro, pobre, natural de Santo Amaro, possui livre trânsito. Porta a chave de uma unidade da UFBA, corta cabelo de segunda a segunda, muitas vezes nem cobra, ajuda os “djous”, alguns amigos e os perseguidos da vez. Porta também a chave do DAMED, chave que qualquer estudante pode solicitar, seja ele membro da gestão eleita ou não, para ter acesso à sala de reuniões do DA.

Após 47 anos sob os cuidados de “Seo Bina”, não há qualquer registro, ou mesmo boatos de dano ao patrimônio público por ele “guardado”. Bina zela pelo DAMED, pela FMB, pela Universidade. Bina zelou por algumas vidas que talvez a ditadura tivesse levado. Por sua vez, há poucos anos, professores doutores de distinto saber, ex-chefes de departamento, ex-diretores, pessoas hoje homenageadas pela câmara estadual saíram da Universidade fugidos, não pelas vielas do Pelourinho, mas pelas ruas do Itaigara, escondendo não alguns estudantes, mas muitos milhões (de Reais).

Viva Pedro Benedito de São José, o “Seo Bina”, viva Seo Levi, Lino e tantos outros, ainda mais anônimos. “Viva o povo brasileiro”, neste exemplo, tão contraditoriamente incluído e segregado, sacralizado e profanado, proprietário e “invasor”. Esses são alguns dos motivos para homenagear “Seo Bina”, sendo este o “objetivo deste trabalho”.

Agradecimento

A participação de *Diulice Vítório*, estudante de turismo (Faculdade de Turismo da Bahia), que, naquele momento, trabalhava como Secretária do DAMED, cuja dedicação ao movimento estudantil, para além de um trabalho digno, era um exemplo de dedicação a um movimento social que Arthur Poerner, historiador do movimento estudantil no Brasil, chamou de “Poder Jovem”⁽³⁾.

Referências

1. Azevedo E. Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia. Terreiro de Jesus: Memória Histórica 1996-2007. Feira de Santana: Editora da Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008.
2. Brito AMF. Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias. In: Zachariadhes GC (org.) Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009.
3. Poerner AJ. O poder jovem. História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Booklink, 2005.

¹ O povo é um inventa língua, já nos ensinou Guimarães Rosa. Os guardadores se nomeiam dessa forma – *djou* – e os estudantes também os chamam desse modo (num anglicismo da pronúncia “dj” + “ou”).